



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

ROBERJASSON DIWOUMY OLIVEIRA BARBALHO

**CONTO O ENFERMEIRO: OS MECANISMOS DE DEFESA DO EGO OPERADOS
POR PROCÓPIO**

Picos

2021

ROBERJASSON DIWOUMY OLIVEIRA BARBALHO

**CONTO O ENFERMEIRO: OS MECANISMOS DE DEFESA DO EGO OPERADOS
POR PROCÓPIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras. Orientador: Prof. Dr. Selmo Ribeiro Figueiredo Júnior.

Picos

2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte, 905 – Junco, CEP 64600-000 – Picos, Piauí
Fone (89) 3422 2032

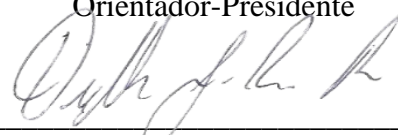
ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às vinte e uma horas e trinta minutos (21h30) no horário de Brasília do dia vinte de janeiro de dois mil e vinte e dois (20/01/2022), via Google Meet, no âmbito do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI/CSHNB), Picos, Piauí, sob a presidência de Selmo Ribeiro Figueiredo Junior, reuniu-se a Banca Examinadora da defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do aluno **Roberjasson Diwoumy Oliveira Barbalho** com o título *Conto “O enfermeiro”*: os mecanismos de defesa do ego operados por Procópio. A Banca Examinadora ficou assim constituída: **Prof. Dr. Selmo Ribeiro Figueiredo Junior** (Orientador-Presidente), **Prof. Dr. Denizalde Jesiél Rodrigues Pereira** (Primeiro Examinador) e **Prof. Cleverson Cristiano de Souza** (Segundo Examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências públicas: (1) o Presidente introduziu o aluno; (2) o aluno apresentou seu Trabalho de Conclusão de Curso; e (3) os membros da Banca Examinadora teceram questionamentos e propuseram correções e mudanças. Na sequência, a Banca Examinadora resguardou-se do público para julgamento do desempenho do aluno e para atribuição de notas, as quais são NOVE (9,0), NOVE (9,0) e NOVE (9,0), cuja média, como nota final, é, portanto, NOVE (9,0), o que confere ao aluno o *status* de APROVADO e, por consequência, o título de LICENCIADO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA por esta instituição. Para devidamente registrá-lo, eu, Selmo Ribeiro Figueiredo Junior, lavrei a presente ata, sendo lida, aprovada e assinada por todos da Banca Examinadora. Picos, 20 de janeiro de 2022.

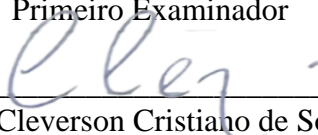
Banca Examinadora



Prof. Dr. Selmo Ribeiro Figueiredo Junior
Orientador-Presidente



Prof. Dr. Denizalde Jesiél Rodrigues Pereira
Primeiro Examinador



Prof. Cleverson Cristiano de Souza
Segundo Examinador

CONTO O ENFERMEIRO: OS MECANISMOS DE DEFESA DO EGO OPERADOS POR PROCÓPIO¹

Roberjasson Diwoumy Oliveira Barbalho

RESUMO: Este trabalho propõe relacionar a Literatura e a Psicanálise, apresentando uma posição de crítica literária psicanalítica que, através de uma pesquisa bibliográfica, analisa a presença dos *mecanismos de defesa do ego* no personagem *Procópio*, do conto *O Enfermeiro*, do escritor Machado de Assis. Excetuando-se a introdução, considerações finais e referências, o trabalho se divide em 6 seções: 1) *Relações entre Literatura, Crítica Literária e Psicanálise*, 2) *Aparelho psíquico*, 3) *Vida e obra de Machado de Assis*, 4) *A forma conto*, 5) *Resumo do conto O Enfermeiro*, 6) *Análise dos dados: o personagem Procópio*. Os subsídios bibliográficos contam com Freud (1996), Bosi (2015), Fadiman e Frager (1986), Cândido (1968), além de outros. Os resultados da análise dos dados corroboram que o personagem *Procópio* manifestou *mecanismos de defesa do ego*.

Palavras-chave: Literatura e Crítica Literária. Mecanismos de defesa do ego. Conto O Enfermeiro.

INTRODUÇÃO

Este artigo de investigação propõe realizar uma correlação entre Teoria Literária, Literatura, Crítica Literária e Psicanálise, onde tem como seu objeto de estudo o conto *O Enfermeiro*, contido na obra *Várias Histórias* (1896), de Machado de Assis (1839-1908). Cujo conto apresenta uma construção de personagem fundamentada em fenômenos ficcionais de teor

¹ Sou grato ao professor Dr. Selmo Ribeiro Figueiredo Júnior pela especial orientação.

psicológico/psicanalítico que compõem o personagem protagonista Procópio, sobretudo por este manifestar *mecanismos de defesa do ego*. A pesquisa propõe abordar a teoria da psicanálise acerca do aparelho psíquico (inconsciente, pré-consciente, consciente/*id, ego, superego*) tomando como fonte os estudos de Sigmund Freud e seus seguidores.

A problemática da pesquisa se baseia em trazer à luz como e quais mecanismos de defesa do ego o personagem Procópio, no tecido literário, faz uso. O objetivo geral é descrever e analisar o personagem Procópio, e os objetivos específicos centram-se em interpretar, identificar, descrever e explicar as interações dos processos mentais e os comportamentos observáveis de Procópio, especificamente por apresentar usos dos mecanismos de defesa do ego. Assim sendo, utiliza-se da crítica literária de perspectiva psicanalítica para conseguir elucidar os elementos teóricos da psicanálise freudiana presentes no tecido textual literário do conto *O Enfermeiro*.

Para alcançar os propósitos desta pesquisa foi feita abordagem qualitativa,

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58 apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32).

Dessa forma, pretende descrever e explicar os fenômenos literários e psicanalíticos presentes em *O Enfermeiro*. Possui natureza básica, isto é, *objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais*. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 34). Destarte, novos conhecimentos poderão ser evidenciados ao analisar os componentes psicanalíticos, sobretudo, os mecanismos de defesa do ego constatados no enredo.

O trabalho constitui-se como uma pesquisa descritiva, por descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (Ibidem, 2009, p. 35). Bem como se define como explicativa, *pesquisa explicativa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos* (GIL, 2007 apud GERHARDT e SILVEIRA,

2009, p. 35). Isto posto, o trabalho tem a tarefa de identificar fatores que constituem o texto narrativo como um todo, realizando inferências dos saberes aqui visados.

Por conclusão do percurso metodológico, o artigo será elaborado por meio de fontes bibliográficas, conforme enuncia Fonseca (2002, p. 32) citado por Gerhardt e Silveira (2009, p. 37), *a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.*

Há como referencial teórico os seguintes autores, conforme cada segmento, para a construção de todo o debate do trabalho: Literatura: Machado de Assis (2012). Teoria e Crítica literária: Cândido (1968); Bosi (2015); Moisés (2006); Bellemin-Noël (1983); Meneses (1993); Marcos e Carozzi (2021); Rodrigues (2003); Passos (2000 e 2020). Materiais biográficos: Franco e Lacombe (2001); Chauvin (2012); Porini (2012). Teoria da Psicanálise: Sigmund Freud (1996); Anna Freud (2006); Fadiman e Frager (1986); Carrara et al (2004). Metodologia: Gerhardt e Silveira (2009).

1 RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE

Bellemin-Nöel (1983. p.21) diz sobre Sigmund Freud que, *todos os que têm uma ideia de sua obra sabem que ele escreveu sobre artistas, sobre escritores, sobre fenômenos literários, sobre obras particulares.* É amplamente conhecido que o fundador da Psicanálise, Sigmund Freud, tinha uma forte inclinação para as artes em geral, em especial a literária. Daí se fundaram muitas categorias da ciência psicanalítica, uns exemplos a saber: *complexo de Édipo, síndrome de Peter Pan, narcisismo, sadismo, masoquismo.*

Convém salientar que este estudo não objetiva “aplicar” a teoria psicanalítica à obra literária, mas indicar que uma leitura de um texto literário pode implicar em localizar e identificar elementos presentes da Psicanálise. Pois assim definiu Lacan (1958/1998, p. 758 apud Marcos e Carozzi, 2021, p.281):

A psicanálise só se aplica, em sentido próprio, como tratamento, e portanto, a um sujeito que fala e ouve. Fora desse caso, só pode tratar-se de método psicanalítico, aquele que procede à decifração dos significantes, sem considerar nenhuma forma de existência pressuposta do significado.

Assim sendo, todo o percurso desta pesquisa se baseará em método de investigação psicanalítica ao analisar a obra literária.

Pretende-se neste tópico estabelecer um paralelo de semelhanças entre Literatura e Psicanálise, com a finalidade de evidenciar o interesse comum por esses dois campos de conhecimento em compreender o ser humano.

Tanto a Literatura quanto a Psicanálise utilizam a palavra e a linguagem como elementos em comum para revelar o que há no interior do ser humano, embora possuam objetivos distintos. Para dialogar com essa assertiva Meneses (1993, p. 122) declara:

[...] Literatura e Psicanálise fornecem uma leitura do humano, vista do ângulo da Literatura, a Psicanálise propicia um instrumento de leitura... para o literário. A abordagem psicanalítica é recurso de interpretação, revelação e desvendamento, e origina-se de raízes semelhantes às da leitura ideológica.

Com efeito, ambas levam a um desvendamento do real externo ou interno do homem: no ponto de vista literário, a partir do texto escrito; no ângulo psicanalítico, o paciente mediante suas produções imaginárias, ações ou atos falhos.

O leitor de um texto literário e o psicanalista que analisa um paciente têm como mistério o mesmo objeto a ser desvendado para a perfeita interpretação: o inconsciente. Já que a manifestação da literatura e a teoria da psicanálise carregam o não-consciente, faz-se uma necessidade aproximá-las até confundi-las (BELLEMIN-NÖEL, 1983).

A Psicanálise em seus conceitos apresenta o *princípio do prazer*, que orienta o *id*, e o *princípio da realidade*, que guia o *ego* e o *superego*. Sobre isso acerca da arte Meneses (1993, p. 121) cita que, *pois a arte, como afirma Freud, é uma reconciliação dos dois princípios: do prazer e da realidade*.

O fenômeno literário se efetiva na inter-relação entre *autor-texto-leitor*, onde o autor expressa seu inconsciente no texto e o leitor busca decifrar seus enigmas; e o fenômeno do funcionamento psíquico se efetiva na inter-relação entre *id-ego-superego*, que em hipótese, uma pessoa em tratamento clínico, rompendo a *resistência*, faz uso da *associação livre* para que o analista possa decifrar o que não é comunicado conscientemente.

1.1 RELAÇÕES ENTRE CRÍTICA LITERÁRIA E PSICANÁLISE

Para que o presente artigo seja bem compreendido é relevante realizar alguns comentários sobre as contribuições da Psicanálise para a Crítica Literária e seus desdobramentos na contemporaneidade. Para tanto, enfatiza-se que a principal abordagem psicanalítica assumida, aqui, é a clássica teoria desenvolvida pelo mestre Sigmund Freud, posteriormente a de seus sucessores.

Uma vez que Literatura é arte, a Crítica Literária deve guardar essa característica, não sendo permitido distorções conceptuais. Portanto, as conexões entre Psicanálise e Crítica Literária são vistas sob o efeito analógico do inconsciente mediante a linguagem.

Como Psicanálise é um saber científico que trabalha com pessoas, e a Literatura é um saber artístico que trabalha com personagens, é relevante propor as diferenças entre pessoa e personagem à luz das explicações de Cândido (1968, p. 60), citando o romancista britânico Forster, distingue o *Homo fictus* (personagem) do *Homo sapiens* (pessoa):

O Homo fictus é e não é equivalente ao Homo sapiens, pois vive segundo as mesmas linhas de ação e sensibilidade, mas numa proporção diferente e conforme avaliação também diferente. Come e dorme pouco, por exemplo; mas vive muito mais intensamente certas relações humanas, sobretudo as amorosas. Do ponto de vista do leitor, a importância está na possibilidade de ser ele conhecido muito mais cabalmente, pois enquanto só conhecemos o nosso próximo do exterior, o romancista nos leva para dentro da personagem [...]

Isto posto, o viver, o sentir do personagem e seu passível conhecimento pelo leitor, embora seja interpretado como mais intenso com respeito à pessoa, é via a estética e segundo modalidades próprias da ficção. Se dado leitor analisar uma obra literária por meio da abordagem psicanalítica, e indicar que certos personagens de um enredo possuem, por exemplo, patologias reais, isso configuraria em uma desvalorização do poder estético da Literatura. Portanto, a associação entre Crítica Literária e Psicanálise deve ser limitada a uma mútua investigação do inconsciente analogicamente.

Segundo Rodrigues (2003), a crítica literária por muitos anos se voltava para perspectivas puramente linguísticas e históricas, fazendo juízos de valor sem considerar o fenômeno humano presente no texto, mas com o advento da Teoria da Psicanálise pelo trabalho de Freud, a crítica passou a caminhar por esse campo de saber, apropriou-se de seus estudos,

com o fim de investigar o inconsciente da linguagem literária, sem negar seus valores estéticos e linguísticos.

É bem verdade que Freud reconheceu o estatuto da criação literária, e daí se apropriou por considerar que a arte acumula um vasto conhecimento do Homem, e, a partir disso, procurou justificar alguns avanços e sistematizações dos estudos psíquicos (PASSOS, 2000). Veja-se as palavras de Freud ao notar as semelhanças do conhecimento do romancista/artista e do psicanalista acerca do psiquismo humano: *Nós nos abeberamos sem dúvida na mesma fonte, modelamos a mesma massa, cada um com nossos métodos próprios.* (S. FREUD, DRD, 241-242 APUD BELLEMIN-NOEL, 1983, p. 67).

Posto isto, o *pai* da Psicanálise fazia discernimentos das naturezas e dos princípios da Literatura e da Psicanálise, valorizando suas singularidades, intenções, objetos e lógicas temporais. Dessa maneira, não ignorava o poder do ato criativo nem o domínio ficcional, o que seus seguidores nem sempre fizeram. (PASSOS, 2000).

A Psicanálise oferece ao leitor um novo modo de leitura, portanto, *ao crítico abrem-se de imediato novas perspectivas de compreensão de texto, uma vez que ele se instrumentaliza com um novo aparato teórico.* (RODRIGUES, 2003, p. 3).

Convém ilustrar mais um ponto de contato entre o psicanalista e o crítico literário, conforme Passos (2020, informação verbal) expõe, o *analista* tem o dever de usar a *atenção flutuante*, o crítico literário tem o dever de se distanciar do texto para que seja feita a devida extração dos elementos constituintes do texto. O *analista* ao evitar relações de proximidade (emoções) com o *analizando*/paciente, observa e apreende os sentidos daquilo que não é dito pelo dito. Semelhantemente ocorre com o crítico ao se deparar com um texto literário, ele torna visível, com o distanciamento, aquilo que não era visto quando se tinha envolvimento/emoção com o enredo.

2 APARELHO PSÍQUICO

Nesta seção haverá uma breve apresentação dos conceitos da teoria que constituem a base da Psicanálise. A descrição se limitará aos propósitos desta pesquisa, não sendo finalidade expor tudo referente à ciência em questão.

2.1 OS PROCESSOS MENTAIS

Segundo Freud, os sistemas ou processos mentais podem ser inconsciente, pré-consciente e consciente.

O inconsciente. É o lugar onde reside os instintos ou pulsões, nele estão os conteúdos inconscientes que nunca foram conscientes nem são acessíveis à consciência. Mas também armazena conteúdos excluídos/reprimidos da consciência. Os processos mentais inconscientes são atemporais. (FADIMAN e FRAGER, 1986).

O pré-consciente. Seus conteúdos são estritamente do inconsciente, mas podem ser transmitidos para o consciente com facilidade, isto é, as memórias acessíveis fazem parte do pré-consciente, e as representações de fatos esquecidos ou incômodos. (Ibidem, 1986).

O consciente. Tudo que conhecemos ou percebemos da realidade ou do mundo objetivo é fruto da consciência. O pensamento, a memória, a atenção, o sentimento são elementos da consciência. (CARRARA et al, 2004).

2.2 A ESTRUTURA DA PERSONALIDADE

Freud, ao desenvolver a teoria da personalidade, considerou a mente humana como sendo um aparelho psíquico estruturado por três sistemas ou instâncias distintas, denominadas de: id, ego e superego. Apesar destas três instâncias interagirem entre si, cada qual possui suas próprias funções, princípios operantes, dinamismos e mecanismos.

O id. É a estrutura original da psique, básica e matriz. Contém tudo o que é herdado psicologicamente, é o lugar onde há os impulsos ou pulsões. A sede da energia psíquica de toda a personalidade, assim sendo, o ego e o superego recebem a energia para desempenhar suas atividades. O ego e o superego são formados a partir do id, no entanto, este é amorfo e desorganizado. Quase todos os conteúdos do id são inconscientes, possuindo processos mentais

que nunca foram conscientes, assim como o material que foi excluído da consciência por motivos diversos. Desta forma, os conteúdos do id são representações dos instintos ou do mundo interno da experiência subjetiva, frutos da realidade psíquica. Rege-se pelo princípio do prazer. (FADIMAN e FRAGER, 1986); (CARRARA et al, 2004).

O ego. Componente do aparelho psíquico responsável por perceber a realidade externa. Desenvolve-se a partir do id, com a função de atender, restringir ou impedir as exigências deste, sempre em prol do prazer. Seus conteúdos são conscientes, mas em parte inconscientes. A finalidade do ego é proteger o id do desprazer ou aliviá-lo das tensões advindas das necessidades ou desejos do organismo. O ego surge para satisfazer o id por meio da redução da tensão e aumentar o prazer. Rege-se pelo princípio da realidade. (FADIMAN e FRAGER, 1986).

O superego. A última parte da estrutura se desenvolve a partir do ego. Seus conteúdos também são basicamente conscientes, mas contém partes inconscientes. A natureza dessa instância é atuar como um juiz ou censor sobre as atividades e pensamentos do ego. É nele que reside os códigos morais, a ética, os conceitos de certo e errado, bom e mau. Configura-se como o representante interno das tradições, valores e ideias da sociedade transmitidos de geração em geração. Rege-se pelo princípio da realidade. (Ibidem, 1986).

2.3 MECANISMOS DE DEFESA DO EGO

Em se tratando dos mecanismos ou operações de defesa do ego, este desenvolve mecanismos para ir contra as ameaças do id, a fim de escapar da dor, de pensamentos e sentimentos desagradáveis e angustiosos. Em outras palavras, como afirma Anna Freud (2006, 37.), os processos de defesa servem de *proteção do ego contra as exigências pulsionais*. Adicionalmente, declaram Fadiman e Frager (1986. p. 19): as [...] *defesas bloqueiam a expressão direta das necessidades instintivas [...] qualquer um destes mecanismos pode ser encontrado em indivíduos saudáveis, sua presença é, via de regra, uma indicação de possíveis sintomas neuróticos*.

É relevante trazer à luz a diferenciação das noções de neurose e psicose na Psicanálise.

Recentemente indiquei como uma das características que diferenciam uma neurose de uma psicose o fato de em uma neurose o ego, em sua dependência da realidade,

suprimir um fragmento do id (da vida instintual), ao passo que, em uma psicose esse mesmo ego, a serviço do id, se afasta de um fragmento da realidade. Assim, para uma neurose o fator decisivo seria a predominância da influência da realidade, enquanto para uma psicose esse fator seria a predominância do id. Na psicose a perda de realidade estaria necessariamente presente, ao passo que na neurose, segundo pareceria, essa perda seria evitada. (FREUD, 1996, p. 205)

Serão descritos apenas os mecanismos que interessam para a presente pesquisa: repressão, negação, formação reativa, racionalização, isolamento – baseados em Fadiman e Frager (1986).

Repressão. Consiste em evitar uma realidade desagradável, insuportável. É como se o indivíduo ignorasse o que vê ou o que ouve. A intenção é afastar da consciência o que pode provocar dor, podendo ser uma ideia, um evento ou percepção. Vale salientar que o que é reprimido por meio dessa defesa pode acessar a consciência novamente. Portanto, para que isso não ocorra, o indivíduo necessita despende constantemente consumo de energia para manter os conteúdos reprimidos. (Ibidem, 1986).

Negação. Corresponde ao ato de excluir a realidade, ou seja, é a tentativa de não aceitar na realidade um fato que perturba o ego. O indivíduo dá como inexistente um pensamento ou sentimento que, se admitisse, lhe causaria angústia. (Ibidem, 1986).

Formação reativa. Equivale a inversão da realidade. É o mecanismo que substitui comportamentos e sentimentos que são opostos ao desejo real, ou seja, o amor pode substituir o ódio; a piedade pode substituir a crueldade; um tom manso de voz pode substituir um acesso de raiva. É um mecanismo que disfarça atitudes e sentimentos. (Ibidem, 1986).

Racionalização. Consiste em o indivíduo redefinir a realidade, elaborando argumentos racionais e lógicos com o fim de se convencer ou convencer o outro acerca de pensamentos ou ações inaceitáveis – reprovadas pelo superego. Na verdade, seus argumentos não são convincentes, mas acredita-se ser. (Ibidem, 1986).

Isolamento. Trata-se do ato de dividir a realidade com o propósito de restar pouca ou nenhuma emoção ligada a um acontecimento. Isso ocorre quando alguém conta um episódio traumático sem demonstrar aparente afeto, isto é, o indivíduo é contra o afeto. (Ibidem, 1986).

3 VIDA E OBRA DE MACHADO DE ASSIS

3.1 VIDA

Joaquim Maria Machado de Assis, vulgo maior escritor literário do Brasil. Nasceu no morro do Livramento, localizado no município de Rio de Janeiro, a 21 de junho de 1839. Foi primogênito do casal Francisco José de Assis, carioca, e Maria Leopoldina Machado, açoriana. Viviam na chácara do Livramento, à essa época, propriedade de d. Maria José, viúva do senador Bento Barroso Pereira.

Os pais de Machado eram escravos libertos, trabalhavam na propriedade sem ter trabalho fixo, contudo, o pai era pintor de paredes ou móveis, a mãe, lavadeira ou tecia rendas, bordados. Eles *eram ambos livres [...] gente muito humilde, muito pobre. Só uma coisa distinguia dos vizinhos: sabiam ler.* (FRANCO E LACOMBE, 2001, p. 52). Por saberem ler, e por outros motivos, eram protegidos pela proprietária da chácara.

Consequentemente, Machado de Assis nasceu livre, um pardo forro, dessa forma, seus pais desejavam uma boa vida ao filho: *O pai pretendeu que fosse caixeiro [...] não resistiu ao terceiro dia de trabalho.* (Ibidem, 2001, p. 54). O destino lhe encaminhou *para a cidade, para a vida de poeta.* (Ibidem, 2001, 54).

Maria Leopoldina morreu em 1849. Francisco José casou-se novamente em 1854, com uma doceira, Maria Inês. Em 1864, Machado perdeu o pai, ficando totalmente órfão.

Machado de Assis sempre apresentou saúde frágil, desde sua infância sofria de epilepsia, ademais, tinha gaguez, o que determinava, em certa medida, ser reservado e tímido. Estudou seus primeiros anos em escola pública. Silveira Sarmiento, um padre amigo, lecionou aulas de francês e latim ao futuro escritor. (BOSI, 2015).

Em 1869, casa-se com Carolina Xavier Novais, uma senhora portuguesa de boa cultura. Vivem harmoniosamente até 1904, quando sua esposa morre.

Tratando-se de vida profissional, iniciou como auxiliar de tipografia, posteriormente, ocupou diversos cargos em periódicos – cabe ressaltar a Marmota Fluminense e a Revista

Brasileira, mas se estabilizou, com efeito, em cargos públicos, *chegando, ao final da vida, a Diretor-geral de Contabilidade do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas*. (CHAUVIN, 2012, p. 366). Em relação a sua vida acadêmica, produziu mais de duzentos contos, mais de seiscentas crônicas, dez romances, quatro livros de poesias, entre outros gêneros.

Aplaudido como o maior romancista brasileiro – *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) é a partir deste romance que sua originalidade de escritor lhe confere mais prestígio e reconhecimento entre a classe cultural e intelectual –, também foi feliz em ser *um dos fundadores e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras*. (BOSI, 2015, p. 185).

Machado de Assis morreu aos 69 anos, em 1908, vítima de uma úlcera cancerosa.

3.2 OBRA

A produção literária de Machado de Assis é vasta e diversificada em gêneros literários, *consagrando-se como um verdadeiro polígrafo [...] escreveu poesias, traduções, peças teatrais, contos, crônicas, romances e críticas literárias*. (PORINI, 2012, p. 362). Sua obra é normalmente dividida em dois momentos ou fases de criação e estilo artísticos, a saber, um momento de textos potencialmente do Romantismo (1836-1881), e um momento de textos potencialmente do Realismo (1881-1903).

Potencialmente, porque a originalidade da autoria de Machado não permitiu que sua obra fosse classificada, efetivamente, dentro dos parâmetros românticos ou realistas. Assim afirmou José Veríssimo citado por Porini (2012, p. 361): *o Sr. Machado de Assis não é nem romântico, nem um naturalista, nem um nacionalista, nem um realista, nem entra em qualquer dessas classificações em “ismo” ou “ista”*. Com também Bosi (2015, p. 187) aponta que *veio-lhe sempre do espírito atilado um “não” ao convencional*.

A primeira fase da atuação literária de Machado teve seu início em 1855, quando, pela primeira vez, publicou um poema intitulado *Ela*, na Marmota Fluminense – cujo periódico tinha como editor Paula Brito –, e seu fim ocorre em 1880, quando publica, em folhetim, o romance *Memória Póstumas de Brás Cubas*. E em 1881 lança este romance em livro, o que marca o início do movimento do Realismo no Brasil, e simultaneamente dá início a fase madura desse escritor.

Sobre a primeira fase Bosi (2015, p. 188) argumenta que *os romances iniciais nos parecem fracos mesmo para o nível de consciência crítica do autor na época de redigi-los*. Por outro lado, acerca da segunda fase, relativamente considerada realista, temos o seguinte elogio desse mesmo crítico: *o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis* (Ibidem, 2015, p. 184).

Toda a obra de Machado de Assis tem como características ou temáticas, o espírito ou os processos mentais dos personagens, a ironia, o humor, críticas à sociedade, a ascensão social, fixação no adultério, ambiguidades, contenção de sentimentos, bem como elementos que contrariam o poder da ciência positivista.

O escritor publicou dez romances, mais de duas centenas de contos, centenas de crônicas, várias peças de teatro e quatro livros de poesia. O último romance publicado em vida foi *Memorial de Aires* (1908).

Machado de Assis foi um artista à frente de seu tempo, por conseguinte sua obra é considerada moderna.

4 A FORMA CONTO

A fim de oferecer uma informação integral acerca deste trabalho, admite-se descrever sumariamente a forma conto na dimensão literária. Para tanto, apresentar-se-á a origem, o conceito e a estrutura do conto a partir do livro de Moisés (2006).

Etimologicamente a palavra conto na acepção literária e de número, tem-se como forma originária o lat. *computu* (“cálculo”, “conta”); e como origem menos provável o lat. *commentu* (“invenção”, “ficção”).

Assume o conto sentido próprio de um tipo de prosa literária no século XVI, no entanto, a noção foi confundida nos séculos que sucederam. A designação de conto como denotação literária voltou a se firmar nas últimas décadas do século XIX, com o surgimento do Realismo, e que perdura até hoje.

Partindo, agora, para a explicação da estrutura, pode-se afirmar que o conto constitui uma unidade de ação, de espaço e de tempo. Seus elementos composicionais são restritos, não admitindo mais de um enredo dos personagens, nem de outro espaço de atuação, nem outro tempo da história narrada. Dessa forma, a quantidade de personagens deve ser pouca.

Em se tratando de linguagem, o conto deve ser objetivo, flexível e conter metáforas de curta abrangência, tornando acessível a imediata compreensão. Possui quatro tipos de diálogo: a) diálogo direto; b) diálogo indireto; c) diálogo indireto livre; d) diálogo (monólogo).

A trama do conto caracteriza-se por sua linearidade.

[...] a trama se organiza segundo um andamento que lembra o ritmo subjacente aos eventos cotidianos, cujos pormenores se acumulam numa ordem “objetiva”, de fácil percepção. Os ingredientes do episódio, franqueados plenamente à contemplação do leitor, carregam um nó dramático, que não consiste em artifício técnico [...] no conto, o enredo monta-se às claras. (MOISÉS, 2006, p. 65-66).

Destarte, o conto tem como chave de efeito prender o leitor até o desenlace do jogo narrativo, ou seja, até seu clímax e desfecho.

Mais um elemento indispensável ao conto é o ponto de vista ou foco narrativo em que se coloca o escritor. Há quatro focos narrativos considerados: 1) a personagem narra a sua história; 2) uma personagem secundária narra a história da personagem central; 3) O narrador analítico ou onisciente, conta a história; 4) o narrador conta a história como observador.

Por fim, os contos são classificados em cinco grupos que foram elaborados por Carl H. Grabo, sobre o qual Moisés (2006) se apoia: 1º, histórias de ação – o mais comum; 2º, histórias de personagens – menos usual; 3º, histórias de cenário ou atmosfera – menos usual que os dois anteriores; 4º, histórias de ideias – é mais frequente que o de cenário; 5º, histórias de efeitos emocionais – geralmente mesclado ao de ideia.

5 RESUMO DO CONTO *O ENFERMEIRO*

O conto *O Enfermeiro* está inserido no livro *Várias Histórias* (1896), pertencente à segunda fase de Machado de Assis. Contém, ao todo, dezesseis contos. Nos contos, em especial,

no supracitado e objeto de pesquisa deste trabalho, o autor atribuiu, marcadamente, aos personagens e tramas caráter de análise psicológica, humor fino e ironia. *O Enfermeiro* tem como foco narrativo o personagem-narrador, por conseguinte, a narração se apresenta em primeira pessoa.

De ora avante, apresenta-se o resumo do conto.

Parece-lhe então que o que se deu comigo em 1860 pode entrar numa página de livro? Vá que seja, com a condição única de eu não há de divulgar nada antes de minha morte. Não esperará muito, poder ser que oito dias, se não for menos; estou desenganado. [...] Já sabe que foi em 1860. No ano anterior, ali pelo mês de agosto, tendo eu quarenta e dois anos, fiz-me teólogo, quero dizer copiava os estudos de teologia de um padre de Niterói, antigo companheiro de colégio [...] naquele mês de agosto de 1859, recebeu ele uma carta de um vigário de certa vila do interior perguntando se conhecia pessoa entendida, discreta e paciente, que quisesse ir servir de enfermeiro ao coronel Felisberto, mediante bom ordenado. O padre falou-me, aceite com ambas as mãos. (ASSIS, 2012, p. 89)

A história é narrada pelo personagem Procópio José Gomes Valongo, que está moribundo, aceita a solicitação de alguém para escrever um documento sobre um importante acontecimento de sua vida, ocorrido em 1860.

No mês de agosto de 1859, Procópio tinha quarenta e dois anos, era copista de textos eclesiásticos na casa de um padre amigo, de Niterói. Este, no mesmo mês recebeu uma carta de um vigário de certa vila do interior, solicitando um enfermeiro para o Coronel Felisberto, que tinha quase sessenta anos e padecia de várias moléstias.

Como estava enfadado de copiar, Procópio aceita a proposta de ir servir como enfermeiro mediante bom ordenado. Há de ressaltar que procurava-se um enfermeiro substituto, pois os anteriores desistiram da função. Ao chegar à vila, ele é surpreendido com informações que o coronel Felisberto é homem violento, insuportável, nem seus amigos o aturavam. O vigário confirmou tudo.

A recepção de Procópio pelo coronel Felisberto não é ruim, e durante sete dias convivem em paz e harmonia, no entanto, a partir do oitavo dia, o enfermeiro passa a ter uma

vida de cão, é maltratado e humilhado diariamente, havendo entrado na vida dos antecessores. Todavia, suportava o trabalho.

Transcorridos três meses, Procópio decide desistir do trabalho, onde aguardava uma ocasião. A ocasião surgiu quando o Coronel, no calor de uma discussão, golpeia com sua bengala a Procópio. Este, sem hesitar, decide fazer suas malas, mas é convencido pelo Coronel a permanecer.

Os dias e meses passaram e Procópio recolhia todo tipo de injúrias, ofensas, e devido ao acúmulo disso, em dado momento, no seu coração começou a sentir ódio e aversão. Comunicou ao vigário e ao médico que estava convicto de ir embora, e requereu que procurassem um substituto dentro de um mês.

Uma fatalidade estava para acontecer que mudaria o destino de Procópio. Na noite de vinte e quatro de agosto de 1860, o Coronel teve um acesso de raiva, ofendeu-o, ameaçou-o de um tiro, e atirou-lhe um prato de mingau, que quase o acertou. Às onze horas o doente dorme. À meia-noite Procópio tinha que medicá-lo, assim, decidiu aguardar no quarto até a hora, próximo à cama, porém adormeceu. Foi despertado pelos gritos do Coronel, porque ele estava delirando, e por manifestar-se de maneira violenta, tomou uma moringa e arremessou contra Procópio, atingindo sua face esquerda. Imediatamente, o enfermeiro teve seus sentidos distorcidos e reagiu fora de si para cima do coronel Felisberto, que morreu esganado.

Nesse momento, Procópio fica estarrecido e emudecido. O sentimento de culpa o domina, sofre alucinações, ilusões, delírios, pois não esperava que tudo acabaria em uma cena de crime. Pela manhã, tendo se recomposto e conseguido alguma calma, pensou e resolveu ocultar o crime e passou a informação possível que o Coronel Felisberto morreu devido às suas enfermidades.

Passados alguns dias, Procópio estando no Rio de Janeiro, recebe uma carta do vigário, informando que ele é o herdeiro universal do Coronel Felisberto. Sem acreditar, mostra a carta ao irmão e aos amigos. Todos compreendem igualmente. Em suas reflexões, ele também acha que a mensagem é um indicativo que seu crime foi descoberto e que buscam prendê-lo, mas ele descarta essa possibilidade. Embora receoso, vai a vila, se encontra com o vigário, é bem recebido, e tudo é confirmado pessoalmente.

Inicialmente Procópio decide doar toda a herança aos pobres, mas enquanto permanece na vila para acertar o espólio, ouve dos moradores histórias do Coronel Felisberto que reforçavam que era homem mau, perverso e nada agradável. Ao ouvir essas histórias, e justificando que ele morreria a qualquer tempo por causa das suas moléstias, o sentimento de culpa ou o remorso vai se esvaindo, acabando por naturalizar o ocorrido. Assim sendo, doa uma certa quantia da herança para atenuar seu sentimento de culpa, e vive com a maior parte. Procópio encontra paz na consciência, mas uma paz forjada.

Os anos foram andando, a memória tornou-se cinzenta e desmaiada. Penso às vezes no coronel, mas sem os terrores dos primeiros dias. Todos os médicos a quem contei as moléstias dele, foram acordes em que a morte era certa [...] a verdade é que ele devia morrer, ainda que não fosse aquela fatalidade...

Este conto revela como a mente humana pode se adaptar e recorrer a mecanismos psicológicos que promovem uma paz, ainda que não em conformidade com a realidade objetiva, mas com uma realidade psíquica que tem determinada lógica e aceitação racional.

Por conclusão a esta seção, argumenta-se que a criação literária acerca da estrutura do personagem Procópio é definida como *personagem esférico*. Entende-se por *personagem esférico*, à luz das definições de Forster (apud Cândido, 1968), personagem que altera no espírito conforme mudam as circunstâncias desenvolvidas no enredo de uma narrativa. Sua qualidade é muito complexa e possui capacidade de sempre surpreender de modo convincente.

6 ANÁLISE DOS DADOS: O PERSONAGEM PROCÓPIO

Nesta etapa da pesquisa o propósito é atender aos objetivos principais deste trabalho, que é identificar ou indicar os mecanismos de defesa do ego acionados pelo personagem protagonista Procópio, na narrativa *O Enfermeiro*. Tal tarefa confirmará a relação da obra literária em questão com a teoria psicanalítica, de vertente Freudiana e seus seguidores.

Ressalta-se que todo comportamento e mecanismo de defesa do ego interpretado como pertencente a Procópio no texto literário não excede o sentido analógico. Assim, evitando ligações incongruentes entre os conceitos de personagem e pessoa, a ponto de considerar que personagem é literalmente uma pessoa, sem ser. *A personagem é um ser fictício [...] isto é, algo*

que sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. (CÂNDIDO, 1968, p. 52). Assim sendo, a prosa literária se baseia numa [...] *relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.* (Ibidem, 1968, p. 52).

O enredo do conto dá início quando, Procópio moribundo, decide relatar um fato relevante que mudou sua vida a alguém que lhe pede um escrito para que seja publicado em um livro. Adiante, para fins de iniciar a localização dos mecanismos de defesa, far-se-á a análise a partir do oitavo dia em que, investido do cargo de enfermeiro, Procópio está a servir ao coronel Felisberto, dando-lhe cuidados a suas moléstias: *No oitavo dia, entrei na vida dos meus predecessores, uma vida de cão, não dormir, não pensar em mais nada, recolher injúrias e, às vezes, rir delas, com um ar de resignação e conformidade.* (ASSIS, 2012, p. 90). Deduz-se que nesse evento o protagonista possivelmente opera os mecanismos de repressão – porque afasta da consciência as injúrias ouvidas e sofridas – e formação reativa – porque, embora fosse humilhado, ria diante das ofensas como sendo uma inversão da realidade, isto é, em vez de demonstrar raiva contra o coronel, demonstra simpatia. Suporta, dessa forma, a situação para que continue trabalhando.

O assédio moral só veio a piorar com o passar dos meses: *Eu com, com o tempo, fui calejando, e não dava mais por nada; era burro, camelo, pedaço d’asno, idiota, moleirão, era tudo.* (ASSIS, 2012, p. 91). A operação dos mecanismos de repressão e formação reativa só tendem a ser mais intensos e constantes, para que a saúde de Procópio seja garantida, uma vez que os mecanismos têm a função de reduzir ou aliviar a angústia do ego.

Seguindo a trama, passados mais tempos, Procópio, que já acumulava as graves ofensas, diz: *Já por esse tempo tinha eu perdido a escassa dose de piedade que me fazia esquecer os excessos do doente.* ASSIS, 2012, p. 92). E continuando a narrativa no dia vinte e quatro de agosto de 1860, percebe-se que o protagonista tem a perda da realidade, pois sofre um surto psicótico – motivado pela contusão de uma moringa na face – que culmina com o assassinato do coronel Felisberto: [...] *a moringa bateu-me na face esquerda [...] atirei-me ao doente [...] esganei-o.* (ASSIS, 2012, p. 93). Interpreta-se este momento como sendo revelador de que os processos mentais do id de Procópio dominaram seu ego, pois não pôde refreá-lo por meio dos mecanismos de defesa. Provavelmente, seu desejo inconsciente era matar o coronel

Felisberto, mas fazendo uso da repressão, evitava a tragédia, contudo, com a ocorrência inesperada motivadora, o id, com as exigências instintivas, domina o ego por um instante.

Carregado de sentimento de culpa após o episódio, Procópio se arrepende muito de tudo que viveu na residência como enfermeiro, mas decide ocultar o crime, e ao fazer isso, nega para si mesmo que não matou o doente. A negação é o mecanismo aqui em ênfase: [...] *disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico.* (ASSIS, 2012, p. 94).

Adiante na narrativa, ao receber a informação que é o herdeiro universal dos bens do coronel Felisberto, Procópio se dirige à vila a fim de confirmar isto e receber o espólio. À medida que se aproxima do local, lembra da fatídica noite do crime.

Crime ou luta? Realmente, foi uma luta em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa... Foi uma luta desgraçada, uma fatalidade. Fixei-me nessa ideia. E balanceava os agravos, punha no ativo as pancadas, as injúrias... [...] considerei também que o coronel não podia viver muito mais; estava por pouco ele mesmo o sentia e dizia. Viveria quanto? Duas semanas, ou uma; pode ser até que menos. Já não era vida, era um molambo de vida [...] e quem sabe mesmo se a luta e a morte não foram apenas coincidentes? Podia ser, era até o mais provável; não foi outra coisa. Fixei-me também nesta ideia... (ASSIS, 2012, p. 96).

É perceptível a inferência da manifestação do mecanismo de defesa do tipo racionalização neste excerto da narrativa. Vê-se que Procópio apresenta argumentos lógicos a fim de convencer-se de um fato mau que lhe cause grande angústia. Não podendo confessar a si mesmo que foi o autor do crime, pois isso lhe provocaria conflitos sentimentais, opta pela redefinição da realidade para conseguir paz na consciência.

No encerramento da trama, Procópio demonstra um afastamento afetivo sobre o episódio que marcou sua vida: *Os anos foram andando, a memória tornou-se cinzenta e desmaiada. Penso às vezes no coronel, mas sem os terrores dos primeiros dias.* (ASSIS, 2012, p. 98). Pode-se analisar que o personagem divide a realidade ao acionar o mecanismo de isolamento, isto é, não expressa mais emoção aparente ao relatar o fato traumático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido teve como objetivo realizar interseções entre Literatura, Crítica Literária e Psicanálise, de viés freudiano. Durante o trajeto para se alcançar os objetivos de relacionar esses dois saberes, em certa medida distintos, em outra medida semelhantes, houve sempre a cautela de evidenciar que as características ficcionais do personagem não poderiam ser encaradas como características de uma pessoa real, assim sendo, a pesquisa contribuiu no desvendamento, neste caso, dos elementos psicanalíticos presentes no texto literário.

Como se compreendeu mediante a exposição da pesquisa, o personagem Procópio, no decorrer do enredo, denotou determinados mecanismos de defesa do ego com a finalidade de protegê-lo mediante oposições do id. Os mecanismos foram empregados por um personagem saudável que, diante dos conflitos externos e internos vividos, alcançou o equilíbrio psíquico através da manutenção do emprego desses mesmos mecanismos ao passar do tempo.

Particularmente, decidiu-se desenvolver este trabalho a partir de um conto porque, costumeiramente, os estudos da obra de Machado de Assis, em sua maioria, são direcionados aos seus romances. Escolheu-se o conto *O Enfermeiro*, dentre outros contidos em *Várias Histórias* (1896), por apresentar um enredo com mudança radical do destino do personagem protagonista, passando de um simples copista para um grande proprietário, especialmente por essa mudança ocorrer devido a um incidente criminal que, em certa medida, é decorrente dos resultados dos processos mentais de Procópio.

Vale dizer mais uma razão do porquê que se realizou esta pesquisa. Ainda que metaforicamente, existe a possibilidade de comparar Procópio com um indivíduo em tratamento psicanalítico. Procópio estava no fim da vida quando decidiu confessar o que lhe sucedeu. O personagem se encontra moribundo, possivelmente deitado, desse modo, escreve suas recordações de maneira aberta. Isso pode ser comparado a um paciente que está deitado sobre um divã e decide confessar o que lhe aflige, assim, superando a força que o impede de falar, isto é, a *resistência*.

Embora Machado de Assis nunca tenha lido Freud, e vice-versa, segundo Passos (2020, informação verbal), no entanto, Machado e Freud fizeram leituras em comum dos

trabalhos e estudos de Schopenhauer e Hartmann. Esse fato também motivou o desenvolvimento desta pesquisa, pois ambos demonstram possuir saberes semelhantes sobre Psicologia e/ou conhecimentos psicológicos da Filosofia.

O presente trabalho pode ser continuado, ampliado, aprofundado, pois não se esgotaram as possibilidades exploratórias que correlacionam as duas áreas abordadas, Literatura e Psicanálise.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. **Contos escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2012. 375 p.
- BELLEMIN-NOEL, J. **Psicanálise e Literatura**. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Cultrix, 1986. 102 p.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 50 ed. São Paulo: Cultrix, 2015. 567 p.
- CÂNDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968. 115 p.
- CARRA, K. (org.). **Introdução à psicologia da educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004.
- CHAUVIN, J. P. Sobre Machado de Assis. In: ASSIS, M. **Contos escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2012. 375 p.
- FADIMAN, J. FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. Coor. de trad. Odette de Godoy Pinheiro; trad. de Camila Pedral Sampaio, Sybil Safdié. São Paulo: Harbra, 1986.
- FRANCO, A. A. M; LACOMBE, A. J. **Machado de Assis**. Cajamar, SP: Editora Três. 2001. 232 p. (A vida dos grandes brasileiros – 5)
- FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. Trad. Francisco Settíneri. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006. 124 p.
- FREUD, S. A perda da realidade na neurose e na psicose (p.205) *in*: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição *Standard* brasileira, vol. XIX – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T (orgs). **Métodos de pesquisa**. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009.
- MARCOS, Cristina Moreira; CAROZZI, Silvane. Uma baliza de método: as relações entre

literatura e psicanálise. **Tempo psicanal.** Rio de Janeiro , v. 53, n. 1, p. 279-300, jun. 2021 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382021000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 setembro. 2021.

MENESES, A. B. de. Literatura e psicanálise: aproximações. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 13, p. 121–132, 2012. DOI: 10.20396/remate.v13i0.8636202. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636202>. Acesso em: 09 nov. 2021.

MOISÉS, M. **A criação literária: prosa I – o conto, a novela, o romance**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PASSOS, C. R. P. Crítica literária e Psicanálise: contribuições e limites. **Literatura e Sociedade**, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 166-185, 2002. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i6p166-185. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/25382>. Acesso em: 27 novembro. 2021.

PORINI, C. G. O estilo literário de Machado de Assis. In: ASSIS, M. **Contos escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2012. 375 p.

RIOS, C. Abordagens da Psicanálise na literatura brasileira hoje. **FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**, [S. l.], n. 25, 2020. DOI: 10.23925/1983-4373.2020i25vm5. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/51804>. Acesso em: 27 novembro. 2021.

RODRIGUES, O. Crítica Literária e Psicanálise. **Rev. Textura**, n. 9. Canoas-RS. ULBRA, 2003/2004, p. 57-65. Disponível em: <https://www.academia.edu/43691454/CR%C3%8DTICA_LITER%C3%81RIA_E_PSICAN%C3%81LISE_1>. Acesso em: 22 de maio de 2021.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, **Roberjasson Diwoumy Oliveira Barbalho**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **Conto o enfermeiro: os mecanismos de defesa do ego operados por Procópio** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 14 de fevereiro de 2022.

Roberjasson Diwoumy Oliveira Barbalho

Assinatura

Roberjasson Diwoumy Oliveira Barbalho

Assinatura